

BENEFÍCIOS DA BRINQUEDOTECA À CRIANÇA HOSPITALIZADA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

BENEFITS OF PLAY AND PLAYTHINGS IN HOSPITALIZED CHILDREN: A LITERATURE REVIEW

Dayanne Kallyne Morais de Araujo Oliveira¹, Fabiana Carla Mendes Oliveira²

¹ Graduada em Bacharelado em Enfermagem pela Faculdades Integradas de Patos (FIP).

² Graduada em Enfermagem pela Fundação Francisco Mascarenhas (FFM), Faculdades Integradas de Patos (FIP).

Data de entrada do artigo: 30/08/2012

Data de aceite do artigo: 10/12/2012

RESUMO

Introdução: brincar é uma das práticas primordiais para o desenvolvimento físico, emocional e social da criança. Apesar da reconhecida importância dessa atividade, durante a hospitalização, ela é pouco valorizada, de modo que o modelo tradicional de intervenção e cuidado de crianças hospitalizadas deve ser revisto. Objetivo: identificar nas literaturas quais técnicas podem ser adotadas durante a hospitalização e os benefícios do cuidado humanizado pela equipe de saúde. Metodologia: foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando livros, revistas e periódicos publicados em bases de dados (SciELO, PubMed, Bireme e site Google Acadêmico), utilizando os descritores Brinquedo, Criança e Hospitalização, no período de fevereiro a julho de 2012. Após a seleção do material publicado entre os anos de 2001 a 2011, foram realizadas leituras exploratórias e analíticas. Resultados: as dificuldades que os pacientes pediátricos apresentam se devem ao medo do desconhecido ou às situações desagradáveis sofridas por elas em hospitalizações anteriores. Isto causa temor, levando-as a crer que todos os profissionais causarão dores ou sofrimentos, por isso a importância do preparo dos profissionais com os cuidados ao paciente é de grande relevância. Uma das maneiras de evitar o sofrimento da internação está na comunicação e no brinquedo terapêutico. Conclusão: os hospitais devem investir em recursos humanos e infraestrutura. As terapias complementares vêm sendo incorporadas à assistência a crianças hospitalizadas para privilegiar as necessidades afetivas, sociais e culturais. Diante disso, a equipe de saúde precisa agir de maneira que amenize o sofrimento, sendo a brinquedoteca uma das estratégias de inovação.

Palavras-chaves: Brinquedo, Criança, Hospitalização.

ABSTRACT

Introduction: play is one of the primary practices for the physical, emotional and social development. Despite the recognized importance of this activity during hospitalization, it is undervalued, so that the traditional model of intervention and care of hospitalized children should be reviewed. Objective: to identify the literature which techniques can be adopted during hospitalization and benefits in humanized care by the health team. Methodology: a literature search was performed using books, magazines and periodicals published in databases (SciELO, PubMed, Bireme and Google Scholar) using the keywords Play and Playthings, Child and Hospitalization in the period from February to July 2012. After selecting the material published between the years 2001 to 2011, there were exploratory and analytical readings. Results: the difficulties that pediatric patients have are due to fear of the unknown or the unpleasantness suffered by them in previous hospitalizations. This causes fear, leading them to believe that all professionals will cause pain and suffering, so the importance of staff training in patient care is of great importance. One way to avoid suffering at the hospital is in communication and therapeutic play. Conclusion: hospitals should invest in human resources and infrastructure. Complementary therapies have been incorporated to assist hospitalized children to focus on the affective, social and cultural rights. Therefore, the healthcare team must act in a way that eases the suffering, being the play and playthings one of innovation strategies.

Key-words: Play and Playthings, Child, Hospitalization.

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde⁽¹⁾ define o termo saúde como o completo bem-estar físico, mental e social do indivíduo, e não apenas como a ausência de enfermidades orgânicas. A partir dessa definição, os autores Pacheco e Bonassi⁽²⁾, ressaltam que “é de grande importância que o hospital garanta à criança a continuidade de seu desenvolvimento”. Desse modo, não basta curar, “é preciso também auxiliar a criança e todos os membros de sua família a enfrentar a experiência da hospitalização”. Assim torna-se importante que a atmosfera hospitalar permita a continuidade do desenvolvimento infantil, sendo reconhecida como instituição de desenvolvimento integral.

A hospitalização representa uma ruptura na rotina e vida de qualquer pessoa, em especial da criança e da família. Para assisti-los, faz-se necessária uma atuação que busque diminuir os efeitos da doença e do seu tratamento, pois, na maioria das vezes, esses efeitos atingem as pessoas de modo global e a hospitalização é vista de modo dramático⁽³⁾.

As dificuldades que os pacientes pediátricos apresentam se devem ao medo do desconhecido ou às situações desagradáveis sofridas por elas em hospitalizações anteriores. Isso lhes causa temor, levando-as a crer que todos os profissionais causarão dores ou sofrimentos, entrando neste contexto a importância do preparo dos profissionais para com o cuidado às crianças hospitalizadas, que é de grande relevância. As crianças temem a solidão no hospital e se entristecem diante da ausência da família. Nessas condições, alguns pacientes demonstram irritação com a inatividade e sentem falta do ambiente familiar. Então o ambiente hospitalar pode trazer um impacto sobre o psicológico da criança⁽⁴⁾.

Entre as maneiras de evitar o sofrimento da internação estão a comunicação e o brinquedo terapêutico. Ambos são recursos adequados que a Enfermagem tem como estratégia para ofertar a oportunidade de a criança se expressar, verbalmente ou não. O brinquedo oferece à criança o driblar diversas situações, como a separação de pessoas significativas e procedimentos invasivos e/ou dolorosos⁽⁵⁾.

A brincadeira atende uma parte importante das necessidades da criança hospitalizada, promovendo e facilitando a interação grupal e permitindo a ela aprender a como enfrentar suas emoções, por meio da interação com outras pessoas, bem como com outras crianças que ali estão. A atenção ao paciente pediátrico reconhece outras necessidades na criança, não apenas as relacionadas à doença⁽⁶⁾.

Favero et al.⁽⁵⁾, considera que a brinquedoteca proporciona à criança hospitalizada uma experiência emocional positiva, para superar o trauma, com ações focadas na perspectiva de atender às necessidades que vão além da doença. Ela surgiu como um espaço que facilita o ato de brincar, pela existência de brinquedos e jogos, dispostos em um ambiente alegre, agradável e colorido, que garante a ludicidade.

A lei Nº 11.104 está fazendo com que as brinquedotecas em instituições hospitalares se tornem uma realidade para o Brasil, tornando-as obrigatórias nos hospitais⁽⁷⁾. Essa lei surgiu dos movimentos de humanização nos hospitais, e simboliza que a inclusão do brinquedo nesse ambiente tem sido concebida como parte da assistência e da terapêutica às crianças e aos adolescentes internados. Neste sentido, ocorre o reconhecimento das necessidades infanto-juvenis e do papel do ato de brincar na promoção do bem estar físico e social no hospital⁽⁸⁾.

Aos hospitais, são necessários investimentos materiais, humanos e físicos para que essa clientela tenha continuidade em seu processo de desenvolvimento, tendo acesso a diferentes modalidades de brincadeira e possibilidades interativas. Para então crianças e adolescentes, ao vivenciar momentos de fragilidade, continuem tendo sentimentos, sonhos e desejos, apesar dos pacientes estarem em um momento frágil⁽⁸⁾.

Neste contexto, verifica-se a necessidade de refletir sobre a relação dos profissionais de saúde com crianças, para então contribuir na redução do temor durante a hospitalização. Desse modo houve interesse em identificar, nas literaturas, quais técnicas podem ser adotadas durante a hospitalização e os benefícios no cuidado humanizado por parte da equipe de saúde.

Assim, acredita-se que essa revisão contribuirá para o esclarecimento sobre a temática, visando a ajudar os profissionais de saúde no enfrentamento emocional durante a internação hospitalar, seja ao cliente pediátrico ou à família dele, profissionais que desejem a ampliar seus conhecimentos e melhorar o atendimento em pediatria.

2. METODOLOGIA

A busca para apresentar a revisão de literatura foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, utilizando documentos publicados no diário oficial da união, livros, revistas e periódicos publicados em bases de dados (Scielo, PubMed, Bireme – Biblioteca Virtual em Saúde, e site Google acadêmico) usando as palavras-chave: Brinquedo, Criança e Hospitalização,

no período de fevereiro a julho de 2012. Após a seleção do material bibliográfico, publicado entre os anos de 2001 e 2011, foram realizadas leituras exploratória e analítica, com o objetivo de descrever de que maneiras as brinquedotecas são utilizadas nas instituições hospitalares. Dentre as publicações, foram selecionadas as de língua portuguesa e espanhola. Os manuscritos com apenas resumos, sem leitura na íntegra, foram excluídos para a elaboração deste trabalho.

3. O EFEITO DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO SOBRE O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA

A infância é um período de grande importância no desenvolvimento psicobiológico e cognitivo de uma pessoa, que não depende apenas da maturação biológica, mas das condições ambientais. De acordo com a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, ela reagirá conforme se adapta ao seu meio circundante, seja a escola, seu lar ou o hospital. Uma doença na infância pode significar um trauma ou mesmo interrupção do crescimento e desenvolvimento⁽⁹⁾.

Entre as situações que, ao serem vivenciadas pela criança, são consideradas determinadoras de estresse, encontram-se a doença e a hospitalização, que podem fazer com que a criança fique emocionalmente abalada, em maior grau do que está fisicamente doente. Portanto, ao ser hospitalizada, a criança se encontra duplamente doente; além da patologia física, ela sofre com a própria hospitalização, que, se não for adequadamente tratada, deixará marcas em sua saúde mental. As literaturas trazem estudos com ênfases diferentes. Entre elas estão pesquisas que repousam sobre os efeitos maléficos à saúde física e mental da criança, decorrentes da separação da família, especialmente de sua mãe, que determina sofrimento e desencadeia mudanças no seu comportamento, não só durante a hospitalização, como também após a alta⁽¹⁰⁾.

Os autores supracitados⁽¹⁰⁾ comentam ainda que brincar é a atividade mais importante da vida da criança, e é crucial para seu desenvolvimento motor, mental e social. É o modo pelo qual ela se comunica com o meio em que vive, e expressa ativamente seus sentimentos, ansiedades e frustrações. Por meio do brinquedo, em um evento em que é sujeito passivo, a criança se transforma em investigadora e controladora ativa, e adquire o domínio da situação, utilizando a brincadeira e a fantasia. Brincando, a criança expressa de modo simbólico suas fantasias, seus desejos e suas experiências vividas. O modo como a criança brinca é um indicativo de como está, de como é.

O meio ambiente oferece estimulação à criança, de acordo com as condições em que estiverem inseridas. Os elementos que ofertam experiências positivas incluem o espaço físico, os objetos e, como fonte principal, as pessoas responsáveis pela transmissão de sensações cinestésicas, experiências sensoriais, cognitivas, motoras e sociais, isso pelo relacionamento interpessoal durante o cuidado⁽⁹⁾. Estes mesmos autores⁽⁹⁾, mostram que a criança é capaz de brincar e ser criativa mesmo durante sua internação, tendo em vista ela passar a maior parte do tempo brincando em seu quarto de internação e não dar atenção à rotatividade de entrada e saída de pessoas nesse local.

As terapias complementares vêm sendo incorporados à assistência a crianças hospitalizadas com o intuito de privilegiar as necessidades afetivas, emocionais, sociais e culturais, em busca de um cuidado atraumático, com intervenções que minimizem ou mesmo eliminem o desconforto experimentado pela criança⁽¹¹⁾.

A brinquedoteca do hospital consiste em um meio terapêutico, onde as crianças melhoram o seu humor, bem como aceitam melhor o tratamento e os cuidados oferecidos pelos profissionais de saúde. A primeira surgiu em Los Angeles, por volta de 1934, com o caráter de serviço de empréstimo de brinquedos, disseminou-se por vários países, notadamente na década de 1960, com objetivos diversos, tais como aprendizagem, orientação à família quanto a importância do estímulo à socialização e resgate da cultura lúdica. Educadores como Pestalozzi, Froebel e Montessori foram pioneiros no reconhecimento da importância da manipulação de brinquedos para a aquisição de experiências. Certamente o ponto de origem das pesquisas realizadas por esses autores foram o amor e a preocupação com a felicidade das crianças⁽¹²⁾.

O brincar no hospital se tornou importante em decorrência do aumento da sobrevivência de crianças portadoras de doenças crônicas, que ficam hospitalizadas por longos períodos. O primeiro passo a considerar, para implantar a brinquedoteca no hospital, é o preparo hospitalar. Ele deve estimular a imaginação, provocar a curiosidade, ser convidativo e ter atrativos para as diferentes idades dos usuários. Na próxima etapa entram os brinquedos. Apesar de não existir regras para a sua confecção, deve ser assegurada a sua qualidade. O registro deles é de grande relevância, no sentido de ajudar na indicação da faixa etária para cada brinquedo. O horário de funcionamento deve seguir a filosofia do hospital, mas ressalta-se que deve ser o mais abrangente possível⁽⁶⁾.

Existem dois tipos de brinquedo, o normativo e

o terapêutico. O primeiro é composto por atividades espontâneas que levam ao prazer, sem, no entanto, precisar alcançar um objetivo, constituem-se pela sala de recreação. Já o brinquedo terapêutico direciona a criança por meio de um profissional. É necessário estimular a participação, e o uso do brinquedo tem como objetivo conduzir a criança a um bem-estar físico e emocional. O ambiente deve ser previamente preparado com brinquedos, e existem técnicas específicas para sua aplicação⁽¹³⁾.

4. O BRINQUEDO TERAPÊUTICO E A VALORIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA PRESTADA

A perspectiva da hospitalização de uma criança é frequentemente considerada com algumas restrições, mesmo entre os profissionais de saúde. Desse modo, existem situações vistas de modo dramático, dependendo de como se deu a hospitalização e também pelo fato de a internação representar uma alteração brusca no desenvolvimento da criança, bem como uma quebra em seu ciclo de vida.

Na sociedade contemporânea, tem havido uma preocupação crescente com os efeitos do contexto ambiental sobre o desenvolvimento infantil. Entre as diversas preocupações, está o ambiente hospitalar. Favero et al.⁽⁵⁾ enfatiza que na maioria das vezes um conjunto de fatores negativos, ligados à privação e à institucionalização, leva a um déficit intelectual e resulta em uma redução da habilidade funcional da criança. É na idade escolar que elas já conseguem pensar em termos concretos, compreendendo que estão doentes, e também todo o processo de internação. Dessa maneira, ela busca constante informação sobre o que a acometeu, consegue comunicar sua dor, além de lutar pela sua independência, ficando claro que a hospitalização nessa faixa etária reflete em prejuízo para seu crescimento.

Vários são os objetivos que o espaço para brincadeiras no hospital deseja alcançar. Dentre elas, destaca-se a estimulação de uma vida interior rica e capaz de concentrar sua atenção, bem como a operatividade da criança, favorecer o equilíbrio emocional, incentivar a valorização do brinquedo como atividade geradora do desenvolvimento intelectual e social, e proporcionar aprendizagem de maneira natural e agradável. A brinquedoteca não faz uso apenas do brinquedo como objeto de expressão da criatividade, mas também outros estímulos lúdicos podem ser incorporados⁽¹⁴⁾.

O brincar entra no mundo imaginário e se torna um indicador de como a criança enfrenta esse período,

como também oportuniza a percepção do aprender e perder, e saber não desistir de enfrentar os obstáculos encontrados. Sendo primordial em toda faixa etária infantil, a brinquedoteca deve constituir-se de atividades estimulantes, divertidas, criativas e enriquecedoras, não sendo um lugar apenas para passar o tempo⁽¹¹⁾.

A ludoterapia é uma técnica usada em alterações afetivas, ou mesmo psicóticas. Cada reunião é feita por vários tipos de profissionais, sejam eles psiquiatras, psicólogos ou enfermeiros especializados, em ambiente adequado para essa prática. Seu objetivo é compreender a criança em seu comportamento e sentimento. O terapeuta deve refletir nas expressões da criança, bem como interpretá-las⁽¹⁰⁾.

Dessa maneira, a atividade lúdica vem ganhando espaço, uma vez que, mesmo debilitados, esses pequenos pacientes sentem necessidade de brincar. É por meio dessa ação que a criança poderá aproveitar os recursos físicos e emocionais disponíveis para entender a situação momentânea. O lúdico facilita a socialização de maneira impar, transparece a importância para o cuidado como elemento essencial ao desenvolvimento infantil⁽¹⁵⁾.

O atendimento impessoal, principalmente em relação à criança, é algo recorrente em muitos países, apontando para questões sobre o próprio atendimento à saúde. No entanto, os hospitais têm mudado gradativamente suas políticas, estimulando os pais a participar integralmente da internação de seus filhos, oferecendo serviços como assistência psicológica/social, acompanhamento escolar e atividades lúdicas às crianças⁽¹⁶⁾.

A figura da família se faz mais presente no hospital devido à humanização no cuidado, isso está firmado com a homologação do Estatuto da Criança e do Adolescente, e aos direitos das crianças e adolescentes hospitalizados⁽¹⁷⁾. Ela deve receber suporte para aprender a cuidar e compreender, para então compartilhar a situação da doença, ajudando a lidar com seus medos e conflitos. A presença de familiares no ambiente hospitalar torna-o mais informal, descontraído. A participação ativa de um dos pais ou acompanhante faz a rotina da equipe menos rígida e tensa com a criança⁽¹⁸⁾.

Segundo o Ministério da Saúde⁽¹⁹⁾, o governo federal implantou uma política nacional de humanização e promoção/prevenção e recuperação da saúde nas instituições públicas por meio do Sistema Único de Saúde – SUS, chamado de Humaniza – SUS, que busca aprimorar as relações entre os usuários, profissionais e comunidade, favorecendo a autonomia e corresponsabilidade dos gestores para melhorar o

atendimento, tornando-o mais acolhedor e eficaz.

A criança estrutura as relações humanas enquanto brinca e quando essa prática é transportada para o âmbito hospitalar, um ambiente mais seguro e confiável para a criança se estabelece no contexto de cuidado. O fato de ela poder brincar enquanto aguarda o atendimento, desvia sua atenção deste, diminui a tensão da espera e pode favorecer que ela aprenda sobre ele. Assim, a enfermagem exerce papel fundamental nessa prática. Os membros da equipe precisam ser sensibilizados, tanto para a função do brinquedo/brincar na vida da criança, como aos modos de utilização dessa importante ferramenta de trabalho, constituindo-se em importante intervenção de enfermagem, colocando em evidência o próprio desenvolvimento da profissão⁽²⁰⁾.

Lima et al.⁽¹¹⁾ fala do projeto doutores da alegria, onde este é visto como importante indicador de mudança no comportamento de crianças na internação, principalmente os relacionados à aceitação da terapêutica e da própria internação.

A enfermagem está cada vez mais convencida da importância dos pais na internação. O que significa maior segurança para a criança e a família, por que passa a fazer parte do cotidiano do hospital, o que a torna companheira durante a doença do seu filho⁽¹⁸⁾. Isto foi observado por um estudo realizado por González et al.⁽²¹⁾, ao destacar a dedicação, bondade e confiança, ao incluir o brinquedo nas rotinas diárias dos hospitais.

Favero et al.⁽⁵⁾ completa dizendo que a enfermagem lança mão do boneco para tranquilizar o paciente pediátrico para a realização dos procedimentos e da terapêutica. O que representa um momento de humanização e acolhimento. Além de oferecer entendimento por parte dos pais, pois esse instrumento é de grande relevância para o cuidado domiciliar.

A incorporação lúdica em instituições hospitalares vem, portanto, passando por várias transformações, que ainda estão transitando seu atendimento, deixando de focar no curativismo conservador e passando para um atendimento mais humanizado, vendo o seu usuário de saúde não apenas como mero instrumento de trabalho, mas como um ser que tem sentimento e requer cuidados, para então voltar a sua saúde ao equilíbrio. Para isso, não apenas os recursos financeiros se fazem necessários, mas sim recursos humanos de uma equipe multiprofissional.

Levando em consideração a existência de estágios de desenvolvimento, há a necessidade de separar, na brinquedoteca, locais específicos ou “cantos do brincar”,

de acordo com as características de desenvolvimento da criança. É visto que esses estágios estão diretamente relacionados com o brincar, uma vez que, a criança já “brinca” antes mesmo de nascer e, após o seu nascimento, é introduzida no contexto social do brinquedo, sendo inculcados, em seu aspecto mental e comportamental, os valores de uma determinada sociedade. No decorrer do desenvolvimento infantil, a criança vai adquirindo habilidades capazes de levá-la ao conhecimento das coisas que estão à sua volta. A brincadeira, nesse cenário, viabiliza uma relação íntima da criança com o meio em que está inserida⁽¹³⁾.

Por tanto, a finalidade da brinquedoteca hospitalar é integrar educadores, equipe médica e família em um trabalho conjunto, que permita à criança e ao adolescente, mesmo estando em um ambiente hospitalar, ter acesso a atividades com brinquedos e brincadeiras⁽²²⁾.

5. CONCLUSÃO

O indivíduo, em seu desenvolvimento cronológico, vivencia diferentes fases, cuja infância constitui como peculiar, em que a criança descobre a si e ao outro. Ela percebe que está inserida socialmente, com suas experiências e limitações. O crescimento e desenvolvimento se constituem de várias etapas e requerem uma visão minuciosa por parte de seu responsável, estando envolvido no cuidado.

O desenvolvimento biopsicossocial de uma criança, algo que depende muito do meio, consiste em proporcionar condições de afeto, segurança, estimulação e aprendizagem. Essas condições permitem um desenvolvimento harmonioso nos âmbitos emocional, psicomotor, linguístico e cognitivo.

A hospitalização pediátrica traz modificações da rotina da vida diária das crianças e familiares, necessitando assim de um método que auxilie no meio terapêutico da criança, como o uso da brinquedoteca dentro do hospital, melhorando a assistência hospitalar. Diante disso, a equipe de saúde precisa agir de maneira que amenize o sofrimento causado pelo medo do desconhecido, sendo o uso da brinquedoteca uma das estratégias de inovação. Sendo então, a participação por parte da enfermagem indispensável, frente a esse problema, devido à particularidade de cada usuário, humanizando assim o cuidado.

O ambiente exerce influencia na criança, quando há disposição adequada do espaço físico, dos objetos, dos sons e imagens oferecidos. Para que o ambiente hospitalar se transforme em um ambiente estimulador, o cuidado prestado à criança necessita ser transformado

em uma experiência significativa.

Em síntese, os hospitais devem incentivar o uso do brinquedo terapêutico e, com isso, contribuir para a construção do vínculo profissional – com a criança e a família –, investindo assim em técnicas lúdicas durante o período de internação da criança, bem como ativar a brinquedoteca. Nela podem ser oferecidos

desenhos para colorir, com enfoque bem explicativo; por exemplo, personagens infantis hospitalizados e que se submetem aos procedimentos de rotina. Esperamos que esta revisão contribua para auxiliar os profissionais de saúde e os gestores hospitalares a oferecer um atendimento humanizado e integral, e que incorporem no cuidado as técnicas de comunicação terapêutica e a atividade lúdica.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial de Saúde. The Alma-Ata Declaration: The International Conference on Primary Health Care, 1978.
2. Pacheco BG, Bonassi SM. Reflexões acerca da implantação e funcionamento de uma brinquedoteca no âmbito hospitalar. *Anais Do Sciencult*. 2010; 2(1):57-65. [acessado em 12/02/03]. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/viewFile/225/157>>.
3. Magnabosco G, Tonelli ANN, Souza, SNDH. Abordagem nos cuidados de enfermagem à criança hospitalizada submetida a procedimento: uma revisão de literatura. *Revista Cogitare Enfermagem*. 2008; 13(1):103-108. [acessado em 15/05/12]. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/11969/8441>>.
4. Schmitz SM, Piccoli M, Vieria CS. A criança hospitalizada, a cirurgia e o brinquedo terapêutico: uma reflexão para a enfermagem. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*. 2003; 2(1):63-67. [acessado em 10/03/2012]. Disponível em: <<http://eduemojs.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5570/3542>>.
5. Favero L, Dyneiwicz AM, Spiller APM, Fernandes LA. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de enfermagem: relato de experiência. *Revista Cogitare Enfermagem*. 2007; 12(4):519-524. [acessado em 05/07/12]. Disponível em: <<http://132.248.9.1:8991/hevila/Cogitareenfermagem/2007/vol12/no4/13.pdf>>.
6. Almeida FA, Sabaté AL. *Enfermagem pediátrica: a criança, o adolescente e sua família no hospital*. Barueri-SP: Manole, 2008.
7. Brasil. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõem sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedoteca nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. *Diário Oficial da União*. 22 mar 2005; 55:1.
8. Paula EMAT, Foltran EP. Brinquedoteca hospitalar: direito das crianças e adolescentes hospitalizados. *Revista Conexão Uepg. Ponta Grossa*. 2007; 3(1). [acessado em 15/02/2012]. Disponível em: <<http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao03/artigo4.pdf>>.
9. Bortolote GS, Brêtas JRS. O Ambiente estimulador ao desenvolvimento da criança hospitalizada. *Rev. Esc. Enferm. USP*. 2008; 42(3):422-429. [acessado em 23/06/12]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n3/v42n3a01.pdf>>.
10. Martins MS, Ribeiro CA, Borba RIH, Silva CV. Protocolo de preparo da criança pré-escolar para punção venosa, com utilização do brinquedo terapêutico. *Rev. Latino-Americana. Enfermagem*. 2001; 9(2):76-85. [acessado em 10/03/12]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692001000200011&script=sci_arttext>.
11. Lima RAG, Azevedo EFA, Nascimento LC, Rocha SMM. A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. *Rev. Esc. Enferm. USP*. 2009; 43(1):186-193. [Acessado em 14/06/12] Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000100024>>.
12. Silva MGP, Baptistella N, Azevedo ACP. Brinquedoteca na ótica de adolescentes: pesquisa em Provim. *Revista Ciência da Educação*. 2010; 12 (22):21-42. [acessado em 15/03/12]. Disponível em: <http://www.am.unisal.br/pos/Stricto-Educacao/revista_ciencia/EDUCACAO_22.pdf>.
13. Leite, TMC, Shimo, AKK. O brinquedo no hospital: uma análise da produção acadêmica dos enfermeiros brasileiros. *Escola. Anna Nery Revista de Enfermagem*. 2007; 11(2):343-350. [acessado em 29/04/12]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000200025&lng=en>.
14. Cunha NHS. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. 4ª ed. São Paulo: Aquariana, 2007.
15. Grasel JT, Nicola GDAO, Bisognin P, Freitas HMB, Coelho FH, Dias MV. O cuidado de enfermagem à criança por meio da brinquedoteca hospitalar. I Jornada Internacional de Enfermagem UNIFRA. 2011. [Acessado em 12/03/12]. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/enfermagem2011/Trabalhos/779.pdf>>.
16. Carvalho AM, Begnis JG. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. *Revista Psicologia em Estudo*. 2006; 11(1):109-117.. [Acessado em 19/02/12]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a13>>.

REFERÊNCIAS

17. Sousa ABG, Araújo C, Silva MCF, Tonin M, Silva RR. Atividades para o acompanhante durante a internação da criança em unidade de internação pediátrica. *Revista Nursing*. 2008; 11(125):478-472.

18. Zulske DM, Muradas MR, Carvalho SD, Leite TMC. Percepções de acompanhante diante da hospitalização infantil. *Revista Nursing*. 2008; 10(118):132-136.

19. Ministério da Saúde (Brasil). Portaria Nº 2.261/gm de 23 de novembro de 2005. *Diário Oficial da União*, 24 nov 2005; Seção 1.

20. Sobrinho ECR, Barbosa FR, Dupas G. Brinquedoteca itinerante: caminhando e aliviando o sofrimento causado pela hospitalização. *Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras*. 2011; 11(N):101-107. [acessado em 25 /03/12].

Disponível em: <http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol11-n2/v.11_n.2-art5.brinquedoteca-itinerante.pdf>.

21. González RV, Caraballo JMF, Conde DP, Albar MJM. Experiencias de niños hospitalizados en unidades de pediatría del Hospital Virgen Macarena. *Revista Index de Enfermeria*. 2009; 18(4):243-245. [acessado em 17/03/12]. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962009000400006&lng=es&nrm=iso&tlng=es&tlng=>>.

22. Abreu SAK, Fagundes EM. Brinquedoteca hospitalar: sua influência na recuperação da criança hospitalizada. *Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*. 2010; 2(1):32-49. [acessado em 06/07/12] Disponível em: <http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/73/03_Vol2_VOOS2010_CH>.

Endereços para correspondência:

Dayanne Kallyne Morais de Araujo Oliveira
daykallyne@hotmail.com

Fabiana Carla Mendes Oliveira
bianaarobanet@hotmail.com